**Título**

Uma nova filosofia de vida

|

**Subtítulo**

Ao se depararem com grandes sofrimentos, Arthur e seus familiares olharam para dentro de si e juntos realizaram uma grande transformação

|

**Por**

Redação

|

**Categoria**

Relato

|

**Imagens**

20112017-relato-Uma-nova-filosofia-de-vida.jpg

|

**Legenda**

Arthur (ao centro); (da esq. para dir.) Helena, irmã; Abdo, pai; Sofia, irmã; Valéria, mãe

|

**Data**

|

**Fonte**

Brasil Seikyo, ed. 2.378, 8 jul. 2017, p. A4

|

**Tags**

Financeiro; tratalho; família; islamismo; mulçumano  
|

**Texto**Arthur Passos El Horr; 24 anos, Curitiba, PR; resp. pela DE da RM Curitiba Norte, CRE Sul  
  
Meus pais nasceram no Brasil mas herdaram a cultura e os costumes do país de origem da família, o Líbano. Seguindo a tradição tínhamos uma prática islâmica bastante assídua.   
Fui criado com ótimas condições financeiras. Meu pai, Abdo, era empresário e possuía duas empresas, e minha mãe, Valéria, psicóloga. Estudei em ótimas escolas e viajava sempre.   
Aos 9 anos, as coisas começaram a mudar. As empresas fecharam e ficamos sem renda.   
Meu pai abriu uma loja de alimentos, mas o dinheiro não dava para nada. Meus pais só brigavam.  
Minha mãe conheceu o budismo e decidiu praticar a nova religião. Em 2003, o Gohonzon foi consagrado em casa. Ela e minha irmã Helena começaram a participar das atividades.  
Meus pais se separaram. Meu pai chorava por ter perdido tudo, e minha mãe caiu em depressão, parou de praticar, de trabalhar, de cuidar da casa e dos filhos.   
Minha mãe recebeu a visita dos amigos da organização, e eles a incentivaram muito. Ela sentiu fortalecida e desejou oferecer a casa para uma atividade. Meu pai continuava sendo a pessoa de confiança dela, que então pediu a ajuda dele para limpar a casa. Enquanto finalizavam a limpeza, os membros foram chegando e convidaram meu pai para participar. Ele ficou de pé encostado na porta acompanhando tudo. Ao fim, minha mãe incentivou o meu pai a fazer daimoku. Após refletir que tudo o que foi dito na reunião fazia sentido naquele dia ele virou a noite recitando daimoku. Dez dias depois, o que eu achava impossível aconteceu: meu pai se converteu ao budismo.  
Eu permaneci muçulmano, mas meu pai me pediu para que fizesse um grande objetivo e recitasse daimoku para concretizá-lo. Mentalizei algo bastante difícil e me mantive firme no daimoku todos os dias diante do Gohonzon. Após dois meses, meu pai me disse: “Sua mãe e eu vamos voltar a morar juntos. Está tudo bem para você?”. Naquele momento chorei, pois este era meu “objetivo impossível”. Foi assim que comecei a praticar o budismo.  
Soube da minha aprovação para o Curso de Aprimoramento da SGI no Japão representando a banda masculina Taiyo Ongakutai, mas nós estávamos sem dinheiro. Decidi ser vitorioso.  
Faltando poucos dias para o pagamento da viagem, um amigo do meu pai disse: “Tenho um restaurante que funciona muito bem, porém minha sócia quer desfazer a sociedade e entregar quase de graça a parte dela”. Meu pai assumiu o restaurante e assim pagamos a viagem e transformamos a nossa realidade financeira.  
O treinamento foi maravilhoso e voltei ao Brasil ainda mais disposto a atuar como “Sol do Amanhecer Soka”, denominação dada pelo sensei ao grupo, da minha localidade.  
Meus pais tiveram mais uma filha, a minha irmã Sofia, que hoje tem 5 anos e é integrante do Pompom-tai da Nova Era Kotekitai. Nunca mais sofremos dos mesmos problemas e estamos realizando nossa revolução humana. Não sou mais tímido, triste e sem amigos. Faço faculdade de direito numa ótima universidade pública, e sinto que me desenvolvo a cada dia.  
Se não fosse a benevolência do sensei e seu esforço de trazer o budismo para o Brasil, jamais conheceria esta maravilhosa Lei nem os valorosos amigos da organização. Por esse motivo, em gratidão ao Mestre, à Lei e aos companheiros, concretizamos 77 shakubuku.  
Como jovem, atuarei na vanguarda do kosen-rufu do Brasil e me dedicarei cada vez mais em prol da paz, justiça e felicidade das pessoas!  
|